



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em encontro com a delegação brasileira nos XIV Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo – República Dominicana

Palácio do Planalto, 22 de agosto de 2003

Eu quero começar cumprimentando os nossos queridos atletas e as nossas queridas atletas pelo desempenho extraordinário que vocês tiveram em Santo Domingo. Mas eu acho que vocês podem muito mais, eu tenho certeza. Uma vez acreditei que podia mais. Eu perdi uma eleição em 82, perdi uma eleição em 89, perdi uma eleição em 94, perdi uma eleição em 98, perdi quantas medalhas? Acreditei, e um dia eu ganhei a medalha.

Estou dizendo isso para que vocês tenham a certeza que o que vale no esporte não é apenas a conquista da medalha. Obviamente que ela é importante, é o sonho, é o desejo. Mas eu acho que o que vale é o que vocês fazem durante o ano inteiro e durante uma boa parte da vida de vocês. Nem os que perderam podem desanimar porque perderam, nem os que ganharam podem achar que são donos da bola e que podem relaxar agora – “vamos cair na gandaia” – deixando o esporte para lá, porque aí perdem na próxima.

Eu estou convencido disso, meu caro Agnelo Queiroz, meu caro Carlos Nuzmann, companheiros, sobretudo o embaixador Ivan Baez, embaixador da República Dominicana, que tão bem recebeu a delegação brasileira. Muito obrigado.

Meus companheiros, diretores de empresas estatais, de empresas públicas, Luiz Pinguelli Rosa, da Eletrobrás; Airton Langaro, presidente dos Correios e Telégrafos; ministros Miro e Luiz Dulci. Meus companheiros e companheiras.

Eu acho que este ato de hoje deve servir para consolidarmos algumas coisas que precisamos consolidar. Já está mais do que claro, na cabeça de



todo o governo e, eu diria, de muitas outras autoridades brasileiras e, também, de muita gente no Brasil, que o esporte pode significar não apenas a boa prática da saúde e a boa conquista de medalhas de ouro, de prata e de bronze, pode significar uma oportunidade que nós temos de vencer coisas ruins que estão beirando e tomando conta das nossas crianças, neste país.

Eu estou convencido que somente através de uma grande política de educação, somente através de uma grande política cultural e de uma grande política de esportes vamos evitar que jovens e adolescentes caiam na criminalidade ou no narcotráfico.

Todos os estudos demonstram que, muitas vezes, por falta de opção, um jovem ou uma menina que mora em lugares periféricos, nas principais regiões metropolitanas do país, em não tendo nenhuma oportunidade oferecida pelo poder público, pode se desencaminhar. E nós temos um compromisso. Qual é o compromisso que nós temos? Primeiro, é o de tentar criar as condições para que não falte, no Brasil, uma oportunidade para alguém que queira praticar um esporte, qualquer que seja.

Se vocês analisarem bem, as escolas públicas brasileiras – a maioria –, quando foram construídas, não foram pensadas para a prática de esporte. Muitas são verdadeiros castelos de cimento armado em que não se tem uma pista em volta, uma quadra em volta, uma piscina em volta e, se tem a quadra, não tem a rede, se tem a rede, não tem o cesto, não tem a trave, numa demonstração de que houve um certo abandono da prática do esporte no nosso país.

Pobres, então, que moram nas periferias deste país, se vêem o “Xuxa” ou o Gustavo Borges nadando e quiserem nadar, ou vão para uma lagoa, correndo risco de vida, ou vão ficar vendo na televisão, porque não têm dinheiro para pagar um clube para freqüentar e treinar uma vez por mês.

Se o Estado não assumir a sua responsabilidade, as oportunidades continuarão a ser daqueles que podem pagar uma escola para aprender a



nadar, daqueles que podem pagar uma escola para aprender a tocar, daqueles que podem pagar uma escola para aprender a jogar tênis. Então, cabe a nós, enquanto poder público, criarmos as condições para que todos tenham um mínimo de oportunidade.

Eu participei, quinze dias atrás, da inauguração de um centro educacional unificado, em São Paulo, Nuzmann, chamado CEU. Eu acho que você deveria ir visitar. A prefeita Marta Suplicy vai inaugurar 21 até o final do ano. São feitos nos bairros mais pobres da periferia de São Paulo. São centros educacionais unificados com áreas de terrenos enormes. O que fui inaugurar, em Guaianazes, vizinho a uma grande favela, tem dois campos de futebol, quadra de vôlei, de basquete, piscinas, salões de teatro, ou seja, tem uma série de coisas que vão permitir às crianças pobres daquela periferia a oportunidade de virarem atletas importantes.

Então, se garantirmos a educação, garantirmos que as crianças comam 2.500 calorias por dia e garantirmos que tenham oportunidade, certamente poderemos mudar para melhor a cara esportiva do nosso país. Esse tem que ser um compromisso, não de um governo, mas de uma nação, de uma sociedade.

Eu, que sou mais velho que boa parte dos atletas que estão aqui, um pouquinho mais velho que vocês, na nossa infância, por mais pobres que fôssemos, tínhamos o mundo aos nossos pés. As ruas não tinham asfalto, mas qualquer esquina servia para fazer um campo de futebol. As vilas tinham campos de futebol para tudo quanto é lado. As crianças eram pobres, mas tinham condições de praticar alguma coisa, de extravasar, coisa que, hoje, está cada mais fechada.

Não sei se alguém conhece a famosa favela de Heliópolis, em São Paulo, que, hoje, virou um conjunto habitacional muito grande. Ali, no meu tempo de infância, devia ter uns 50 campos de futebol e, todo domingo de manhã, todos os 50 campos estavam ocupados. Hoje, se as crianças quiserem



um metro quadrado para praticar uma coisa qualquer, não existe. Como o pai e a mãe, normalmente, não têm dinheiro para pagar, essa criança não vai praticar nenhum esporte.

Por isso, eu fico feliz, primeiro, de ter um ministro como o Agnelo, um companheiro que não tenta fazer as coisas apenas porque é ministro. Percebe-se que ele gosta de fazer, percebe-se que ele acredita. Logo que ganhamos as eleições, depois da posse, uma vez chamei o Agnelo e fiquei discutindo com ele: vamos pegar Brasília como exemplo; Brasília tem Clube do Congresso; tem seis clubes militares, porque tem dos oficiais e dos não-oficiais; tem clube do Banco Central; tem clube da Caixa Econômica Federal; tem clube do Banco do Brasil; tem clube do Itamaraty; ou seja, tem uma série de clubes, com quadras, com pistas, com piscinas. Como as pessoas só usam no final de semana, esses clubes ficam totalmente paralisados na maioria do ano porque não tem ninguém para freqüentar.

E eu dizia para o companheiro Agnelo: “Por que não fazemos um acordo com todos os donos desses clubes para levarmos as crianças pobres que estão na periferia de Brasília, morando em Santa Maria, Samambaia e outros lugares, que nascem e morrem sem ter a oportunidade de dar um mergulho numa piscina? Por que a gente não faz um acordo com esses clubes, se as crianças estudarem de manhã, de tarde a gente as leva para passar a tarde inteira no clube, com professores de educação física, com pessoas tentando ensiná-las a praticarem alguma coisa?”

Duas vantagens nós vamos ter: primeiro, vamos tirar as crianças da rua e, portanto, as crianças vão sair de uma faixa de risco muito grande hoje, no Brasil. Segundo, nós vamos ter a oportunidade de descobrir as aptidões que essas crianças têm para poder praticar algum esporte.

E, se Deus quiser, logo, logo nós vamos – e vocês vão estar vendo aí, pela televisão – tentar ocupar todas as praças públicas de esporte que houver, para darmos a chance de uma criança pobre poder praticar um mínimo de



esporte, neste país.

Isso vale também para a questão cultural. Por que só a classe média, que tem um mínimo de recursos, é que pode pagar para uma menina aprender a dançar, para um menino aprender a tocar piano? Por que a escola pública não tem essas coisas para oferecer, para todas as crianças? Cabe ao Estado garantir, independentemente das condições sociais, igualdade de oportunidades a todos os seus filhos. Esse é um sonho que carregamos e que, se Deus quiser, vamos concretizá-lo e torná-lo realidade.

Se for preciso, como disse – acho que foi o “Fininho” que disse aí que... você pensa que eu não sei que seu apelido é “Fininho”? –, se for necessário criarmos uma lei que garanta incentivo para a prática de esporte, nós vamos ter que criar.

Agora mesmo, estamos fazendo um acordo entre o Ministério da Cultura e a Caixa Econômica Federal, para que possamos fazer uma loteria para a cultura, neste país, e que as pessoas que querem ajudar a cultura possam comprar um número e concorrer, receber de presente “um artista ou uma artista de prêmio”, sei lá. Mas o dado concreto... eu não vou nem falar se a Marisa vai comprar, para receber quem ela quer receber, para não brigar com ela... mas o dado concreto é que, para o esporte, isso também é necessário, sobretudo para o esporte amador. É preciso criar uma lei, e nós vamos criá-la, meu caro Agnelo.

Eu acho que as empresas públicas brasileiras e também as privadas têm muitos empresários, de empresas grandes, que poderiam investir. Aliás, na década de 60, de 70, as empresas investiam mais que hoje, até em financiamento de clube de várzea.

Eu, agora, fui à Fazenda Santa Helena, que “adotou” a Marizete, aquela nossa corredora que ganhou a São Silvestre, uma “baixinha”, de Sertãozinho, não é? Ela estava feliz da vida, porque agora ela tem um patrocinador.

É preciso desafiar, não apenas as empresas públicas, mas também as



empresas privadas a adotarem atletas, patrocinarem e criarem as condições para que eles possam praticar esporte. No Brasil, as pessoas pensam que tudo depende do Estado, mas o Estado também tem limites.

Vejam quantos clubes tem, espalhados por esse Brasil afora, que ficam fechados de segunda à sexta-feira à noite. Vamos abri-los para a sociedade carente poder praticar esporte. Vamos pegar o “Fininho” para ensinar a molecada a jogar tênis. Você já ganhou a medalha mesmo, então, agora, você dedica uma hora de folga para ensinar a molecada a jogar. Na verdade, acho que todo mundo que viu você e o Guga jogarem fica querendo jogar também, mas não tem dinheiro nem para comprar uma raquete. Como é que vai comprar uma raquete? Se não tem no poder público, nas escolas, para oferecer para a criança jogar, a criança não tem dinheiro para comprar. Elas nunca vão ter chance de ser como você, nunca.

Então, acho que esse é o nosso papel: é o de tentar criar as oportunidades. Sei que as coisas não são fáceis. É mais fácil falar do que fazer, isso todos vocês sabem. Antes de disputar, a gente ganha todas as medalhas do mundo. Na hora em que entra, a gente percebe que tem alguém que se preparou melhor do que a gente, que teve mais sorte do que a gente. Então, acho que vamos ter que mudar a cara do esporte no Brasil.

Estou convencido. Este é o primeiro ano de governo, mas vamos participar com muita força do Pan-Americano, aqui, em 2007; vamos para as Olimpíadas; vamos ver se, em 2012, elas vêm para o Brasil, porque o Brasil também é filho de Deus e merece uma chance de ter as Olimpíadas aqui. Não é possível que só nos países ricos aconteçam as Olimpíadas.

Então, eu quero, Nuzmann, que a gente meça o que aconteceu no esporte brasileiro neste ano e que possamos, daqui a quatro anos, nos encontrarmos para ver o que aconteceu de resultados. Não é só medalha, não. Precisamos saber o que aconteceu com os espaços, no Brasil, se melhoraram ou não as escolas públicas, se foram criadas condições de se ter locais para as



crianças praticarem esporte. Acho que cada prédio público que fizermos, temos que ter a responsabilidade de construir alguma coisa em que as pessoas possam praticar algum esporte. Não é possível que este nosso país, tão grande e com tanta gente, como vocês, com vontade de fazer as coisas, não tenha a oportunidade de fazer.

Quero terminar dizendo para vocês que vamos tentar fazer o que estiver ao nosso alcance e mais do que o que estiver ao nosso alcance. Não sei se vocês se lembram, no discurso de posse eu disse: nós vamos começar fazendo apenas o necessário. Depois, vamos fazer o possível. E, quando menos se esperar, nós estaremos fazendo o impossível. E acho que esse impossível pode acontecer, se a gente tiver vontade política, disposição, cabeça aberta; e se procurarmos parcerias para fazer aquilo que o Estado não pode fazer, naquilo que ele não tem dinheiro. Acho que temos que procurar parcerias, para que outras pessoas possam ajudar.

Eu quero prestar algumas homenagens em relação a alguns fatos importantes que nem todos vocês que estavam lá viram, porque estavam participando de outra atividade. Vocês se lembram do nosso ciclista Márcio, que foi ultrapassado nos últimos 60 metros da corrida – não sei nem se ele está aí – perdeu a corrida – está aí – e se enrolou na Bandeira brasileira e começou a chorar?

A minha querida, a quem entreguei a medalha agora, que foi para a piscina de cadeira de rodas; esse gesto vale umas dez medalhas; o gesto vale mais do que uma medalha; ou seja, uma pessoa que está machucada – que poderia até inventar uma desculpa: “Ah, vou embora para casa, porque estou machucada mesmo, ninguém vai reparar e não-sei-das-quantas” – que se dispõe, com a perna machucada, a entrar numa piscina e disputar, eu acho que foi uma coisa fantástica, Caroline. Meus parabéns!

O Mário Sabino, não sei se ele está aqui; o Mário foi ouro de judô; ele é soldado e instrutor de defesa, em Bauru. Iniciou, aos 5 anos, aconselhado pelo



médico da família, pois era considerado muito fraco, não é? Muito fraco. Aos 16 anos, pesava 65 quilos e media 1 metro e 80. Hoje, pesa 100 quilos. E, no próximo dia 30 vai para o Japão, disputar o ouro do judô.

E você, meu caro Melligeni, o “vovô” da turma, aí; eu vi uma entrevista sua, esses dias, em que você anunciava que ia parar de jogar tênis e que estava muito gratificado de tomar essa decisão nos Jogos Pan-Americanos.

Eu acho que quem acompanha tênis sabe da importância que você tem para o tênis, no Brasil, embora você nunca tenha ganhado um Roland-Garros, por exemplo; mas a sua participação, há uns três anos atrás, embora não tenha ganhado, eu acho que quem viu algumas coisas que você fez, se sentiu gratificado pelo seu esforço. No esporte, muitas vezes, o que conta é quem está assistindo pela televisão perceber que a pessoa não se entregou, por mais impossível que pareça aquele momento. Eu conheço, porque gosto de jogo de tênis e acompanho, sempre que possível, na televisão; e acho que em nenhum momento o Brasil teve uma pessoa com o espírito de zelo que você demonstra, dentro de uma quadra. Portanto, eu acho que você parou de jogar profissionalmente. Agora, por favor, vamos arrumar uma ocupação para você continuar ensinando outras crianças a terem a mesma garra e a mesma categoria que você.

E ao Gustavo Borges e ao “Xuxa”, que já viraram símbolos das coisas boas que este país conquista, eu quero que vocês continuem servindo de exemplo para milhões e milhões de crianças que, no anonimato, ficam torcendo para que vocês sejam o que vocês são. Mas, muito mais importante é que essas crianças tenham em vocês um exemplo extraordinário a ser seguido.

Eu acho que a sociedade brasileira está precisando de bons exemplos. Eu tenho dito, e vou repetir aqui, para vocês, que um dos grandes problemas do Brasil, hoje, não é apenas o problema econômico. O grande problema, na minha opinião, é a desagregação da estrutura da sociedade. São famílias totalmente destroçadas, ora por conta do desemprego, ora por conta da



miséria, ora pela péssima qualidade de vida. Às vezes temos famílias inteiras com 10, 12 pessoas morando num quarto de 3 por 3 metros; ali dormem, ali fazem suas necessidades, ali cozinham. Ou seja, a coisa vai acontecendo e as pessoas vão se desestruturando emocionalmente, psicologicamente, até que as coisas ruins acontecem.

Eu espero que todos vocês – os que ganharam as medalhas e os que não ganharam, porque, para mim, todos têm um valor incomensurável – continuem, por muito tempo, a ser exemplos de dedicação e de amor por este país e pelo povo brasileiro.

Muito obrigado e parabéns a vocês pelo esforço.